

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA PARAÍBA

Bruna Araújo de Sá¹, Joyce de Souza², Rosemary Torres do Nascimento³, Cícera Renata Diniz Vieira Silva⁴

¹Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. E-mail: brunnadesaa@gmail.com

²Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. E-mail: joydesouza31@gmail.com

³Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. E-mail: rosemarycz24@hotmail.com

⁴Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. E-mail: renatadiniz_enf@yahoo.com.br

RESUMO

A violência é um fenômeno que atinge a sociedade desde tempos passados, mas ao passar dos anos, manifesta-se de forma mais ampla e em diferentes circunstâncias, apresentando-se em inúmeros níveis dependendo da cultura e condições em que se encontra. Com base neste entendimento o presente trabalho objetiva analisar o perfil da violência psicológica na Paraíba, avaliando fatores relacionados ao tema abordado destacando a necessidade do desenvolvimento e implementação de políticas públicas adequadas para a população que sofre esse tipo de violência. Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo, quantitativo e de base secundária onde foram levantados os casos de violência psicológica por meio de dados obtidos através do Sistema de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (SINAN net). Sabe-se que a violência psicológica é prejudicial e silenciosa que, uma vez não identificada corretamente e por não deixar marcas visíveis, é um agravo preocupante, pois muitas vezes a própria vítima dessa situação não percebe o tipo de agressão ou não é capaz de expressar qualquer dano ocasionado a ela. Com este intuito, é de grande importância estudos que salientem sobre a violência, no entanto, tem-se uma dificuldade quando aborda a violência psicológica, pois há uma invisibilidade em relação ao tema. Destaca-se também a importância da capacitação de profissionais para o reconhecimento desse tipo de violência e a orientação sobre o assunto para a população, pois muitas vezes a violência psicológica passa a ser confundida com situações cotidianas. Nisto, considera-se relevante a inserção da discussão da temática proporcionando a promoção da saúde mental para a população no cuidado em si.

DESCRITORES: Violência, Abusos psicológicos, Saúde Pública.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno que historicamente atinge a sociedade, a começar pela escravidão até os tempos mais atuais. É importante ressaltar que há diferentes formas de

REALIZAÇÃO: 





violência das quais podem ocorrer por omissão ou ação seja ela física, sexual, negligência e psicológica atuante também no contexto familiar direta ou indiretamente (OMS, 2017).

A dialética social traz à tona as mais diversas formas de violências tais como, violência contra a mulher, a violência contra o idoso, a violência contra a criança dentre outras, decorrente disso, evidencia-se uma grande violação aos direitos humanos e um grande agravo a saúde pública (COELHO et al., 2014).

Quando comparada com os diversos tipos de violência supracitados, é possível perceber que dentre todos os tipos de violência, a violência psicológica é a mais difícil de ser identificada, pois muitas vezes, é vista de forma naturalizada (BRASIL, 2001).

São atos de violência psicológica: negar o direito de liberdade de uma pessoa referir-se com ofensas, insinuações, impedindo-a de desenvolver-se em um meio social e, podendo levar a manifestação de sinais e sintomas de problemas psicológicos e comportamentais, que com o passar do tempo tornam-se cada vez mais presentes em seu cotidiano (ASSIS et al., 2012).

Apesar de os serviços públicos de saúde representarem uma melhor qualidade de assistência, promoção, prevenção aos indivíduos necessitados de cuidados, ainda há um déficit muito presente no atendimento de pessoas que sofrem ou sofreram algum tipo de violência.

Com a realização desta pesquisa, o objetivo deste trabalho foi de analisar o perfil epidemiológico da violência psicológica na Paraíba avaliando os fatores relacionados ao tema abordado, diante do cenário desafiador principalmente para o enfrentamento do problema.

METODOLOGIA

Estudo epidemiológico, descritivo, de base secundária e de natureza quantitativa, que verificou os casos de violência psicológica ocorridos entre o período de 2009 a 2015 a partir dos dados obtidos no Sistema Nacional de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (SINAN net).

Para a realização da busca, foram utilizadas as seguintes variáveis: faixa etária, sexo, raça, e local de ocorrência. Após a obtenção dos dados, os mesmos foram tratados no Microsoft Excel 2010 e organizados em gráficos e tabelas, para posterior análise por meio de estatística descritiva.

CONGRESSO BRASILEIRO
em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios

CONGRESSO REGIONAL

em Violência na Paraíba: Abordagem em Saúde Pública

REALIZAÇÃO: CNPq

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



RESULTADOS

Foram registradas 3081 vítimas de violência, registradas no SINAN no período de 2009 a 2015 analisando as variáveis sexo, raça, faixa etária e local de ocorrência. Sendo que 81,27% das pessoas que sofrem violência psicológica são mulheres, como é visto na Tabela 1, que traz também a faixa etária mais acometida pela violência, sendo as pessoas de 15 a 49 anos, representando 79,97% da amostra do estudo.

Tabela 1: Casos de violência psicológica no período de 2009 a 2014 no estado da Paraíba, conforme o sexo e faixa etária.

<i>Variáveis</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Sexo		
Feminino	2504	81,27
Masculino	577	18,73
Total	3081	100
Faixa etária		
Ign/Branco	1	0,4
Infância < 1 ano	27	0,88
1 – 4	39	1,26
5 – 9	57	1,85
Adolescência 10 – 14	166	5,38
15 – 19	426	13,82
Adulto 20 – 29	856	27,80
30 – 39	759	24,63
40 – 49	423	13,72
Idoso 50 – 59	201	5,52
60 e mais	126	4,10
Total	3081	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A tabela 2 nos mostra que 49,75% das pessoas que sofrem violência são da raça parda, além de que em 57,22 % dos casos o local de ocorrência desse tipo de violência é a própria residência da vítima.

Tabela 2: Casos de violência psicológica no período de 2009 a 2015 no estado da Paraíba, conforme a raça e o local de ocorrência.

<i>Variáveis</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Raça		
Parda	1533	49,75
Branca	853	27,69
Preta	381	12,36
Amarela	28	0,90
Indígena	9	0,30
Total	3081	100
Local de ocorrência		
Residência	1763	57,22
Via pública	492	15,97
Ignorado	417	13,53
Local pratica esportiva	5	0,16
Bar ou similar	45	1,46
Comercio/serviços	30	0,97
Indústrias	5	0,16
Outros	250	8,12
Em branco	22	0,71
Total	3081	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Ao analisar o gráfico 01, constata-se que o ano que apresentou o maior número de notificação de casos de violência foi 2013, onde foram notificados 30,24 % dos casos, seguido por 2012 ano em que 24,05 dos casos foram notificados. Outro ponto a ser ressaltado é o fato



de que no ano de 2015 não foram notificados casos de violência psicológica na Paraíba. O que não quer dizer que não houve, mas que provavelmente foram subnotificados.

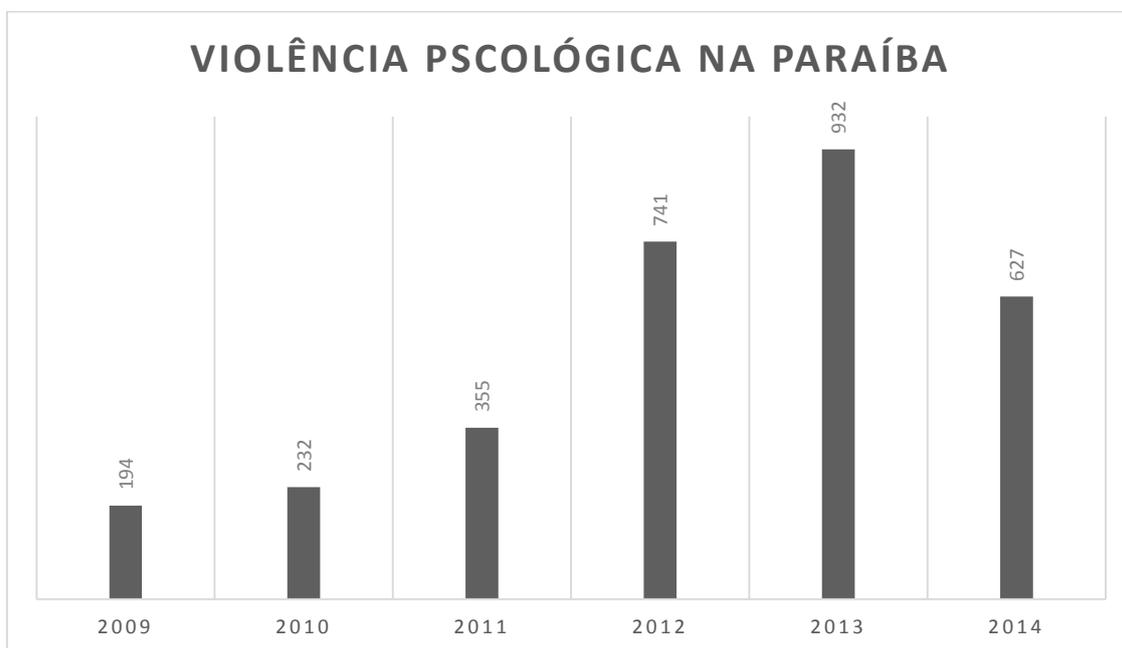


Gráfico 1: Frequência anual dos casos de violência psicológica notificados na Paraíba.

Frente a isto, observamos que a violência psicológica acarreta efeitos agressivos ao indivíduo quando o ofensor faz discriminações sobre outra pessoa, neste caso, a vítima. As palavras referidas às vítimas são extremamente poderosas e, este abuso verbal, praticamente acarreta conflitos uma vez que atingem os pensamentos, emoções e vida da pessoa.

DISCUSSÃO

Com base nos resultados obtidos em nossa pesquisa evidencia-se que as mulheres são mais acometidas pela violência psicológica, esse fato pode estar relacionado ainda com questão cultural que ainda é muito forte no nosso país, que a mulher ainda é submissa (ARAÚJO, 2008) a uma figura que representa maior autoridade e força, que acaba muitas vezes utilizando a violência como uma ferramenta de demonstração dessas “autoridades”.

Outro fato agravante para essa realidade é que muitas dessas mulheres desde a infância convivem em situações de violência, sejam as vítimas as mães ou elas mesmas, o que acaba por se tornar um fato comum ao seu cotidiano (ZANCAN; WASSERMANN; LIMA, 2013).

Entre os diversos tipos de violência humana, a violência contra a mulher é a mais recorrente e presente, pode se manifestar de diferentes formas, além de ser uma grande violação dos direitos das mulheres a sua integridade física e psicológica, impacta no seu desenvolver social e cultural (GOMES et al, 2014).

Quanto ao local de ocorrência, evidenciou-se que a residência é o local de maior ocorrência, uma justificativa para esse fato, é que na maioria dos casos, o agressor é o próprio parceiro, que resulta de relações de poder de uma ideologia patriarcal (ROSA et al, 2013). O que leva a um maior sofrimento, já que é no âmbito familiar que deveria existir uma relação de respeito e compreensão, mas que muitas vezes, é inviabilizada pelos ciúmes dado as circunstâncias dos papéis atribuídos ao sexo masculino (GOMES et al, 2014).

De acordo com os dados obtidos com a pesquisa, evidencia que a faixa etária mais acometida pela violência psicológica é a de 15 a 49 anos de idade. Esses dados estão de acordo com o estudo realizado por Oliveira et al (2003), onde a faixa etária mais atingida pela violência é a 13 a 32 anos, esse fato pode ser justificada, pela imaturidade de uma boa parcela dessas pessoas que acabam ficando sujeitas a violência.

Outro fato que também merece destaque é a falta de notificação dos casos de violência, isso se torna perceptível nesse estudo quando se analisa a quantidade de casos notificada anualmente e percebe-se um declínio drástico nos últimos anos.

Veloso, Magalhães e Cabral (2017) trazem em seu estudo que muitas vezes os profissionais desconhecem a existência e a importância do preenchimento da ficha de notificação de violência esse estudo traz ainda que quando se trata da violência psicológica.

Essa notificação é ainda mais difícil, pois por muitas vezes ela passa por despercebido pelo profissional, uma vez que ela não deixa marcas físicas na vítima, exigindo do profissional uma maior atenção já que as marcas deixadas por esse tipo de violência podem ser muito mais severas e provocar consequências bem maiores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo discutiu a os casos de violência psicológica na Paraíba, evidenciando a importância de se conhecer sobre essa forma de violência que ainda é pouco discutida e os fatores predisponentes para a sua continuação. Destacando a necessidade de desenvolvimento e de implementação de políticas públicas voltadas para a população que sofrem esse tipo de violência para que seja anotada, acolhida e tratada com ética e sigilo.

A formação de profissionais capacitados, para que tenham condições para identificar esse tipo de violência que por muitas vezes passa por despercebida, devido ao fato dela não deixar marcas físicas e à grande dificuldade que muitas vítimas têm em falar sobre o que elas passam. Ressalta-se também a necessidade de uma maior orientação sobre o assunto não só para os profissionais, mas para a população em si, pois muitas vezes a violência psicológica acaba sendo invisibilizada a partir do momento que a vítima não procura ajuda, e assim, não sendo notificada.

Outro fato que se destacou durante a realização desse estudo, foi à escassez de estudos relacionados ao tema, o que acabou dificultando a elaboração da discussão desse estudo e reafirmando a necessidade de um aprofundamento de estudos relacionados a esse tema.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.** México, n. 14, out. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012.

Acessado em 28 de setembro de 2017.

ASSIS, S. G. D; GOMES, D. L; PIRES, T. D. O; AVANCI, J. Q. & PESCE, R. P. Notificações de violência doméstica, sexual e outras violências contra crianças no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, 17(9), 2305-2317, 2012.

DONOSO, M. T. V; BASTOS, M. A. R. O cotidiano dos profissionais que trabalham diretamente com vítimas de violência social. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, 2014.

GOMES, I. C. R; RODRIGUES, V. P; NERY, I. G; VILELA, A. B. A; FREITAS, O. J. & DINIZ, N. M. F. ENFRENTAMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA APOS AGRESSÃO. **Revista Baiana de Enfermagem**, 28(2), 2014.

MASCARENHAS, M. D. M; ANDRADE, S. S. C. D. A; NEVES, A. C. M. D; PEDROSA, A. A. G; SILVA, M. M. A. D. & MALTA, D. D. C. Violência contra a pessoa idosa: análise das notificações realizadas no setor saúde - Brasil, 2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2012.



em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios

CONGRESSO REGIONAL

em Violência na Mulher: Abordagem em Saúde Pública



OLIVEIRA, E. N. et al. Perfil e sofrimento de mulheres vítimas de violência atendidas em uma delegacia especializada. **Rev. RENE**, v.4, n.2, p 30-37, jul/dez.2003, Fortaleza.

SACRAMENTO T. L.; REZENDE M. M. Violências: lembrando alguns conceitos, **Aletheia**, n.24, p.95-104, jul./dez. 2006.

SILVA, L. L; COELHO, E. B. S; CAPONI, S. N. C. & SILVA, L. L. Violência silenciosa: Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface-Comunic, Saúde, Educ**, 11 (21), 93-103, 2007.

VALADARES, F. C; SOUZA, E. R. A gente vive equilibrando pratos: olhares sobre a violência que interroga a rede pública de saúde mental do município do Rio de Janeiro. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 841-854, 2014.

VELOSO, M. M. X; MAGALHAES, C. M. C; CABRAL, I. R. Identificação e notificação de violência contra crianças e adolescentes: limites e possibilidades de atuação do profissional de saúde. **Mudanças – psicologia da saúde**, 25 (1) 1-8, jan-jun., 2017.

ROSA, D. O. A; MELO E. M. D; RAMOS, R. C. D. S. & MELO, V. H. A violência contra a mulher provocada por parceiro íntimo. **Femina**, 41(2), 2013.

RUSSO, G; TRINDADE, H; DANTAS, J. & NOGUEIRA, J. Quando a realidade cala: violência psicológica intrafamiliar contra crianças e adolescentes em Mossoró-RN. **Temporalis**, 14(27), 159-180, 2014.

ZANCAN,N;WASSERMANN, V; LIMA, G. Q. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando Famílias**, 17(1), 63-76, 2013.